

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA
MCML - MCMLI

Acerca de um «estudo inútil»

A época actual vive sob o signo do *utilitarismo*. À maior parte das pessoas, enriquecidas pela febre dos negocios ou ansiosas por auferirem rápidamente uma quota-parte de riqueza material, tida como imprescindível à vida, bem como a muitos intelectuais, vítimas do clima em que se desenvolveram, em tudo influenciados pelo meio que os cerca, só interessa a *utilidade imediata*. E assim, devido ao formidável progresso das ciências e às surpreendentes aplicações destas pela indústria, enraíza-se a mentalidade materialista e utilitária. Campeia a ânsia de tudo apreender do mundo que nos cerca, de conhecer os mínimos segredos dessas ciências e dessas indústrias! Baldado empenho: nem uma vida inteira, e por causa do ritmo febril desses progressos, poderá apreender complexidade tão vasta, e uma tendência cada vez maior para a especialização será a atitude possível de defesa perante um mundo de conhecimentos em que a mente se perde, desorientada, numa ilusão amarga (1).

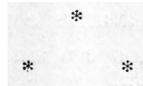
O presente momento mundial tende a desfazer-se de tudo o que a tradição nos legou, quando à primeira vista pareça desprovido de vantagens suficientes para compensarem o tempo despendido na aquisição dos conhecimentos. Mas o mundo não fica mais feliz: a técnica, apesar das reais vantagens que trouxe à vida humana, e com elas mesmo, contribuiu largamente para despersonalizar o homem, para lhe tirar aquelas qualidades

(1) Veja-se a este respeito o interessante artigo intitulado *A crise filosófica e a crise pedagógica*, editorial de *Novidades*, de 1 de Julho de 1951, da autoria de Duque Vieira.

sumamente amáveis de justeza e de equilíbrio, de elevação e de valor humano, que outrora o caracterizavam.

O utilitarismo materialista provocou em toda a parte manifesta decadência — no campo do pensamento e da sua expressão, na literatura e em toda a vida cultural. Solicitado por tantos estímulos contraditórios, o homem vive em permanente dispersão. Dá-se então, à falta de uma sólida disciplina da inteligência, a inversão de valores. Só se atende à matéria. O orgulho dos progressos da técnica fornece-lhe uma desmedida confiança nas possibilidades humanas, e, afinal, acaba por hipotecar a uma sociedade divinizada a própria liberdade. A procura de paraísos terreaus, que só existem na fantasia delirante e cuja realidade é miséria e sangue derramado, esquece ou despreza a vida do espírito.

Assim, ao lado do progresso material e como consequência deste, surge o *progresso da estupidez* na expressão forte do Prof. Giovanni Battista Pighi. Estupidez, pelo desprezo dos valores do espírito, pelo sacrifício constante à matéria, pelo abaixamento do nível intelectual e estético, e pela desorientação perante os problemas da vida individual, da sociedade e do mundo, — desorientação agravada ainda pelo sentimento eufórico de auto-suficiência e de discernimento seguro e infalível.



Foi ao inaugurar os cursos de Literatura Latina na Universidade de Bolonha, em Março de 1947, 9^o o Prof. Giovanni Battista Pighi tomou para tema da sua oração de sapiência *A utilidade de um estudo inútil* (1). Este tema, aparente-

(1) *Utilità d'uno studio inutile*. Publicado no livro *Confini della Filologia*, Bolonha, Zanichelli, 1948, pp. 21-47, de que constitui a segunda parte. A primeira contém o discurso proferido na inauguração dos cursos de Língua e Literatura Latina na Universidade Católica do Sagrado Coração, de Milão, em 1 de Março de 1939, intitulado *Filologia e Poesia* (pp. 1-20).

mente paradoxal, foi desenvolvido com rara elegância e notável originalidade.

Homem livre e cidadão ímpoluto, achou-se no direito e no dever de fazer política, da melhor, em sentido ético e histórico, e assim contar aos jovens a verdade sobre assuntos da máxima importância, que se prendem às relações da filologia com a arte e com a vida, ou sejam os *confins da filologia* (1).

E fez, no segundo destes trabalhos, em termos incisivos, o processo desse orgulhoso e inconsequente progresso humano.

Através do luminoso confronto que coloca diante dos nossos olhos, perpassam as comodidades desta civilização utilitária, o bem-estar que proporciona aos homens, materialmente falando, os elevados índices do comércio mundial, através de estatísticas de consumo, da extinção do analfabetismo, das conquistas da higiene, da liberdade e da justiça, — e ao lado, como pavorosa irrisão, as câmaras de tortura. A queda da Bastilha fora, para as gerações que nos antecederam, o símbolo da desapareição do arbítrio e das leis de excepção: hoje deparamos com o horror dos campos de concentração. As deportações em massa dos hebreus e a destruição do Templo de Jerusalém eram sinal de barbárie: hoje assiste-se a destruições e deportações, emigrações forçadas, exílios de populações inteiras!...

O mundo antigo caracterizava-se pelos esplendores da arte e do pensamento. Mas a escravatura era imperdoável nódoa. Ali iam os antigos buscar mão-de-obra para os seus vastos trabalhos de engenharia, como para a preparação intelectual dos filhos dos senhores. E hoje milhões de homens vão, no mesmo regime de trabalho escravo, servir outros países — homens de ciência e de labor manual.

Irritava-nos o assassínio legal de Vercingetorige e de Jugurta. Mas recentemente assistiu-se ao processo dos chamados *criminosos de guerra*, vencidos julgados pelos vencedores e condenados de harmonia com leis posteriores aos actos incriminados. E as proscricções de Sula, de António e de Octaviano? Ao findar a última guerra, e após os movimentos chamados *de*

(1) *Confini della Filologia*, p. viii.

libertação, os indivíduos considerados colaboradores dos dominadores de algum tempo, que o haviam sido na verdade ou como tal denunciados para satisfação de vinganças mesquinhas, foram vítimas de cruel revindicta. O acto cruel de César contra os defensores de Uxeloduno tem paralelo modernamente na utilização dos recursos da ciência, não para alívio de sofrimentos humanos, mas para destruir cidades e populações inteiras, indivíduos que com as pugnas nada tinham...

Pighi supõe, numa visão terrificante, que em futura guerra não bastarão bombas atômicas: aparecerá um novo gás, invisível e inodoro, que subitamente paralisará e aniquilará as cidades e suas populações, atingindo a todos de maneira fulminante, enquanto outro povo, à espera nas fronteiras, em comboios adrede preparados, se dispõe a ocupar tranquilamente o território onde os inimigos foram tão expeditamente eliminados...

Perante este quadro surge uma pergunta amarga: — Qual o valor desta civilização homicida, que se envaidece com um progresso que apenas atinge a matéria e que na parte moral é inexistente?

Terríveis perspectivas oferece à humanidade a preocupação exclusiva do progresso material. Sendo o ensino de novas gerações orientado neste sentido, pela única aquisição dos conhecimentos susceptíveis de imediata utilização, o homem, impossibilitado de uma visão global, que o estado das ciências e a tendência para a especialização não permitem, perder-se-á num labirinto de factos e fenómenos, de que não achará a necessária síntese. Incapaz de atingir as ideias gerais, de encarar o aspecto desinteressado, superior, das questões, dentro de uma visão parcelar e prática, firmará ainda mais o orgulho e cultivará, em vez de sentimentos de simpatia humana e compreensão, os de domínio e de supremacia material.

Ao chegarmos ao fim da primeira metade do século xx, duas guerras terríveis tinham desabado sobre a humanidade, acumulando destroços de quase impossível reparação. Em ambas foram postos à prova os recursos da técnica, que serviam para a destruição dos homens que os tinham realizado e da própria civilização que os tinha tornado possíveis. E o progresso material, apesar dos cheques na ordem moral

e espiritual e da angústia a que o pensamento humano chegou, devido à tragédia de não correspondência entre as duas concepções — a da matéria e a do espírito —, não cessou, como não cessou o orgulho vão do titã revoltado.

Parece que deveria esperar-se uma atitude de calma revisão de valores. O homem, perante os malefícios a que o materialismo o havia conduzido, raciocinando, e vendo que a febre de velocidades e de gozos materiais lhe era nociva e que não conseguia abarcar, enciclopédicamente, todos os conhecimentos humanos, era natural que se entregasse à conveniente reflexão. E a cultura do espírito, longa, necessariamente longa, e tranquila, e por isso fértil, seria a conclusão para que se encaminharia: os estudos *formativos*, em vez da informação parcelar e unilateralizante. Veria fundo, sem se deixar levar pelas aparências sedutoras de uma utilidade imediata. Escolheria os *estudos* supostos *inúteis*, por compreender a sua vantagem definitiva.

Todavia, terminada a última guerra, assistimos por toda a parte a um recrudescimento da preocupação utilitária no campo da cultura. O problema do ensino das humanidades clássicas, que têm vindo a ceder terreno às ciências e à técnica, volta à ordem do dia, e, quando domina o tecnicismo, aquelas parece não poderem competir com estas. Na América, o notável filósofo Maritain apresenta um plano de estudos, em que, embora considere como objecto de educação «guiar o homem no desenvolvimento dinâmico, no decurso do qual se forma como pessoa humana», se esquece lamentavelmente do latim e do grego, porque «o estudo destas línguas representaria uma perda de tempo para aqueles que terão de esquecer-las» (1).

G. B. Pighi, perante o progresso da estupidez, que acompanhou tão catastroficamente o progresso material do nosso tempo, deseja a presença de um novo Erasmo:

«Non mancherebbero argomenti ed esempi a un Erasmo, che deposto lo stil comico, riscrivesse in tragico stile un nuovo, un più vasto Elogio della Pazzia, o della stupidità umana, e

(1) Jacques Maritain, *L'éducation à la croisée des chemins*, Paris, Egloff, 1947. As citações dizem respeito às páginas 28 e 121.

tanto piti numerosi e grandi gli s' affollerebbero innanzi, quanto piii egli s' avvicinasse ai nostri tempi. ... »

O trabalho finda com a previsão de uma grande invenção, que deve surgir — ai de nós!—daqui a vinte ou trinta milénios: *a desintegração da estupidez* Esta far-se-á através do *estudo inútil*.

O progresso das ciências revelou fontes de energia desenhadas. Grandes poderes couberam ao homem, mas não ao género humano: a alguns homens, que dominam através da imprensa, do cinema, da rádio e, em breve, da televisão. Estes, através de tais meios colocados à sua disposição, impõem ideias e sentimentos aos outros, modelando-os como lhes apraz, transformando-os, a pouco e pouco, em autómatos, em simples máquinas.

Torna-se, portanto, urgente a *formação* dos homens, dando-lhes a possibilidade de aquisição do espírito crítico, a possibilidade de pensarem por si. E assim o Prof. Pigghi recomenda o estudo das línguas antigas e da matemática, os velhos estudos formativos que constituíam a base do ensino da adolescência.

E a restauração do velho humanismo. Há anos Charles Vellay achou que tal restauração era possível, como contribuição para a resolução da crise mundial. As suas qualidades seriam o *método científico*, o *espírito crítico*, a *universalidade dos conhecimentos* e a *abstracção das ciências*, que o desenvolvimento das tendências contemporâneas combate. Vellay aconselhava a *revisão de valores*, a *renovação dos caracteres* e a *reconstituição do escol* (1).

O sentido de humanismo é vago e por vezes contraditório. Os seus elementos seriam as características propriamente específicas do homem, maneiras de pensar e agir eternamente estáveis, porque pertencentes à natureza humana. Caracteriza-o o sentido da justa medida, e por isso se explica a sua preferência pelas literaturas antigas (2).

(1) Charles Vellay, *Une restauration de Vhumanisme antique est-elle possible?* (*UAcropole*, Julho-Dezembro de 1934, pp. 113-125. Cf. a recensão in *Les Etudes Classiques*, v, 3 — Julho de 1936, pp. 485-486.)

(2) Veja-se Fernand Robert, *L'humanisme. Essai de définition*, Paris, Les Belles Lettres, 1946. — Como complemento, o humanismo cristão,

O ensino dirige-se a todos. Há hoje a preocupação demorática de difusão da cultura pela massa. E preciso, embora dentro desta orientação, não permitir o aviltamento da cultura e formar um escol. O grande agente, na opinião de Pighi, será a *escola*, por meio da cultura das línguas clássicas e da matemática, na sua parte especulativa: — as *linguas clássicas*, «non per il lezzo di travagliata, errante e violenta umanità che ancora conservano, ma perché lo sforzo d' intendere una lingua quant' è possibile antica e lontana da noi, in cui s' assomma l' esperienza e il lavoro chiarificatore di migliaia di generazioni, è l' esercizio più efficace e salutare per rischiarare il nostro pensiero, per dargli respiro e ampiezza, per toglierlo dalla torpida stretta della lingua in cui abitualmente s' esprime e s' adagia», e a *matemática pura*, «la più inumana delle discipline, anzi la più humana, chi non dimentichi che Tuome fu creato per tenere eretto il capo, per guardare al cielo» (i).

FELISBERTO MARTINS.

transcendente ao homem e orientado para Deus, ajuda a natureza humana a reunir em feixe as suas maiores virtualidades. Cf. *Humanisme classique et humanisme chrétien*, in *Cahiers de la Paroisse universitaire*, Paris, Maio-Junho de 1947, pp. 7-28, citado em *Les Études Classiques*, xvi-2, Abril de 1948, pp. 15 e segs.

(!) *Confini della Filologia*, pp. 46-47.